

# PANORAMA ATUAL DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

MARCELO BARROS

Deus é amor, mas contraditoriamente, quase todas as religiões têm dificuldade de dialogar e conviver com o diferente. Na história, muitas vezes, atadas ao poder político, as religiões não souberam respeitar e dialogar com outros modos de crer. O Judaísmo considerou os deuses dos outros povos como demônios. Desde os primeiros tempos, o cristianismo propagou escritos polêmicos contra judeus e pagãos. Os muçulmanos interpretaram como ordem de Deus impor a fé, embora místicos sufi insistissem na universalidade do amor de Deus e abertura à fé dos outros.

Com exceção de afirmações ecumênicas de espirituais das mais diversas tradições e de alguns diálogos fictícios, escritos na Idade Média, por Abelardo e Nicolau de Cusa, a primeira proposta de diálogo respeitoso e sério entre pessoas de religiões diferentes aconteceu no final do século XIX e sempre por iniciativa de cristãos. Um século depois, de 1998 a 2000 aconteceram mais de dez assembleias e conferências mundiais de caráter inter-religioso. Nasceram novas instituições e, até hoje, outras tentam viabilizar-se. Recordemos algumas iniciativas mais marcantes de diálogo inter-religioso na história recente.

## I. O Parlamento Mundial das Religiões

Em 1893, em Chicago, por ocasião dos 400 anos da “descoberta” da América, o pastor presbiteriano John Henry Barrows, desautorizado por sua Igreja, criou o “Parlamento Mundial das Religiões”. Reuniu 4000 pessoas na sessão inaugural. Durante 18 dias, dos 400 delegados, 150 tomaram a palavra. Teve a adesão de religiosos orientais e a curiosidade de líderes judeus, cristãos e muçulmanos mais abertos.

Em 1993, um século depois, novamente em Chicago, o “Parlamento” fazia nova assembleia-geral. Neste, os participantes aprovaram a “Declaração por uma Ética Mundial”, a partir da ajuda teológica de Hans Küng e da “Fundação por uma Ética Mundial”, organismo de caráter internacional e inter-religioso. Foram, ali, aprovados os seguintes princípios:

1. Não é possível uma nova ordem mundial sem uma Ética mundial.
2. A exigência fundamental desta Ética é que todo

ser humano seja tratado de forma humana.

3. É urgente criar uma cultura da não violência e do respeito por cada ser vivo.

4. Uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa.

5. Cultura da tolerância e de paridade de direitos e igualdade entre homem e mulher.

6. É necessário uma transformação de consciência sem a qual estas propostas anteriores não seriam profundas.

## II. Iniciativas depois da 2ª guerra mundial

A tragédia do holocausto levou muitas comunidades cristãs a reverem o seu dever em relação aos irmãos judeus. Em 1947, a Igreja Reformada dos países baixos declara que o diálogo deve ser a relação normal entre a Igreja e a Sinagoga. Em 1948, o pastor suíço Nusslé o aplica às relações entre cristãos e islamitas. Em 1960, a americana Judith Hollister fundou o Temple of Understanding (Templo da Compreensão), perto de Washington. Entre os membros fundadores estão inscritos o patriarca ecumênico Atenágoras, o Dalai Lama, Thomas Merton, Saverpalli Radhakhrisnan, Albert Schweitzer, U. Thant e os papas João XXIII e Paulo VI. É uma construção em seis alas, cada uma para uma grande religião: budista, cristã, chinesa, hindu, judaica e muçulmana. A meta é “promover a compreensão das religiões em escala mundial. Reconhecer a unidade da família humana”.

O sonho era criar em Washington uma espécie de “Nações Unidas Espirituais”. Em 1970, na Assembleia de Genebra, o Vaticano e o Conselho Mundial de Igrejas enviaram representantes. Lá se propôs uma Organização Mundial das Religiões. Em 1980, o Templo da Compreensão tentou criar um “World Monastic Concil”. Hoje, trabalha mais no nível dos EUA e está associado ao World Congress of Faiths.

## III. A Conferência Mundial das Religiões pela Paz

O contexto da intervenção dos EUA no Vietnam e a intensificação da guerra fria, agravada pelas relações tensas entre Moscou e Pequim provocou alguns crentes a promoverem novas iniciativas de diálogo inter-reli-

gioso. Assim surgiu a “Conferencia Mundial das Religiões pela Paz”.

Esta organização é fruto da iniciativa de cidadãos dos EUA, Índia e Japão. A primeira assembléia internacional foi em Kyoto no Japão em 1970. A finalidade era “tratar da questão da Paz, propagar a causa do desarmamento, opor-se a todo tipo de discriminação, trabalhar para acabar com o colonialismo, com o imperialismo e defender os Direitos Humanos”. Na primeira assembléia (1970), participaram 139 membros da Ásia e da África, além de 77 ocidentais. Ali estiveram presentes Dom Hélder Câmara, Raimundo Panikkar, Eugene Blake, Thich Nhat Hanh e o metropolita Galitski Filarete de Moscou. Na época, Dom Hélder escreveu que este encontro era o sonho de sua vida. E como eu trabalhava com ele no caminho do Ecumenismo, tive a graça de ser uma das primeiras pessoas a quem ele mostrou o belo texto que iria pronunciar em Kyoto.

Em 1998, a Conferência Mundial das Religiões pela Paz fez sua 2ª Assembléia geral na Jordânia. Por motivos políticos, o Dalai Lama não recebeu visto em seu passaporte para participar deste encontro.

#### **IV. Iniciativas ligadas ao Conselho Mundial de Igrejas**

O Conselho Mundial de Igrejas, na sua assembléia de Nova Dehli, defendeu a liberdade de consciência religiosa de toda pessoa humana. Em 1969, o Conselho aprova a importância do diálogo inter-religioso e o projeto de um encontro com crentes de outras tradições. O primeiro encontro foi o Colóquio de Ajaltoun no Líbano (março 1970) sobre o diálogo.

Em Genebra, em 1968, foi fundada, de forma autônoma, mas em diálogo com o Conselho, uma Comissão Consultiva das Religiões. Propõe aos participantes um princípio: “Nós estamos aqui não porque estamos de acordo, mas para aprender a nos conhecer”.

Nos últimos anos, o Conselho Mundial de Igrejas têm, ele mesmo, realizado encontros com pessoas de diversas tradições espirituais para promover, entre as religiões um trabalho pela “Paz, justiça e defesa da criação”.

#### **V. Igrejas Católica, Vaticano e Diálogo Inter-religioso**

Após um longo processo, em 1965, a Igreja Católica tomou uma atitude que revolucionou a sua história e marcou um tempo novo na sua vida e no seu testemunho no mundo. Todos os bispos do mundo, reunidos no Concílio Vaticano II, publicaram uma Declaração sobre a Liberdade Religiosa e outra sobre como a

Igreja Católica vê as outras religiões. Nesta última, afirmavam: “Com sincera atenção, a Igreja considera os modos de viver e agir, os preceitos e doutrinas das outras religiões. Nada rejeita do que, nelas, existe de verdadeiro e santo. Mesmo que, em muitos pontos, seus ensinamentos estejam em desacordo com o que a Igreja pensa e anuncia, não raro, refletem lampejos daquela Verdade que ilumina todo ser humano” (...) “A Igreja exorta seus filhos a reconhecer, manter e desenvolver os bens espirituais e morais, como também os valores sócio-culturais que existem nas outras religiões que, mesmo contendo elementos doutrinários que a Igreja não concorda, têm lampejos da verdade que iluminam todos os seres humanos”<sup>1</sup>.

Atualmente, na Igreja Católica, é a Federação das Conferências Episcopais da Ásia que tem aprofundado mais a teologia e prática do Diálogo com as outras religiões. Em documento de 1999, declarou:

“Podemos compreender as religiões como respostas ao encontro com o mistério divino ou com a realidade última. Por isso, as tradições religiosas da humanidade têm sentido e lugar no projeto divino da salvação. (...) O fundamento principal da teologia do diálogo e das religiões é a certeza da universalidade da graça de Deus. Deus se dá e sobre isso, nós, seres humanos, não podemos ter nenhum controle. Para nós, Cristo é o centro universal do diálogo de Deus com a humanidade. Por isso, devemos conhecer o que Deus disse e continua a dizer de mil maneiras. Consagrar-se a isso com toda a nossa atenção é uma forma de prestar homenagem à graça divina”<sup>2</sup>.

Os últimos papas têm testemunhado esta atitude de respeito e diálogo com os irmãos e irmãs de outras religiões. As declarações ecumênicas e inter-religiosas do Concílio, embora tenham sido escritas e publicadas após a sua morte, devem muito ao apelo e à profecia do papa João XXIII. O seu sucessor, Paulo VI, diversas vezes, mandou devolver a muçulmanos e judeus, objetos sagrados ou de valor histórico que, em guerras, os cristãos haviam apreendido de outras religiões. O atual papa, em cada viagem, pede para encontrar-se com os líderes de outras religiões. Em outubro de 1986 e agora, em janeiro de 2002, convidou líderes e representantes das mais diferentes tradições religiosas para, junto com ele, em Assis, orar pela Paz do mundo. Ele afirma: “O diálogo inter-religioso é sempre instrumento salvífico porque procura sempre descobrir, esclarecer e compreender melhor os sinais do longo diálogo

que Deus continua com a humanidade”(Discurso ao Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, n2, 13/ 11/ 92). “A presença e a atividade do Espírito Santo não tocam apenas os indivíduos, mas a sociedade e a história, as culturas e religiões dos povos” (RM 28). “A crença dos membros das outras tradições religiosas é efeito do Espírito de verdade que opera além dos confins visíveis do Corpo Místico do Cristo” (RM 28 e RH 6).

Em fevereiro de 2002, o papa enviou a todos os governantes dos países uma carta com Um “Decálogo para a Paz do mundo”. São dez pontos aprovados pelos líderes religiosos presentes no 2º Encontro de Assis, necessários para o diálogo entre os povos e as culturas.

A Comissão Pontifícia para o Diálogo Inter-religioso, organismo do Vaticano, publicou o seu segundo documento orientador em 1991 e o consagrou à relação entre o Diálogo e a obrigação cristã de anunciar o Evangelho. Este documento “Diálogo e Anúncio” é dos melhores textos sobre o assunto. Frisa a prioridade do diálogo, confessa que o diálogo é elemento estruturante da própria missão da Igreja e que o anúncio missionário só pode ser feito a partir do diálogo.

Estas posições mais abertas do papa e de alguns organismos romanos são criticadas por alguns cardeais da Cúria Romana e de arquidioceses importantes. A Declaração “Dominus Jesus” de setembro de 2000 mostra esta contradição. Muitos bispos e líderes católicos têm medo do relativismo religioso e não querem perder a hegemonia católica no mundo.

Uma forte limitação desta forma de promover o Diálogo Inter-religioso é o fato de amarrá-lo demais às autoridades máximas de cada religião. Tudo tem de vir da cúpula. O risco é que o caminho da unidade deva submeter-se ao cuidado maior e permanente de cada líder assegurar o seu espaço de poder e prestígio.

O Diálogo supõe unidade entre os parceiros e a escuta da palavra de Deus uns dos outros requer uma humildade e despojamento pessoal que não condizem com triunfalismo clerical de nenhuma religião.

## VI. A Iniciativa das Religiões Unidas (URI)

Em 1999, em Jerusalém, “o bispo anglicano William Swing, o Dalai Lama, o Conselho de Coordenação Inter-religioso de Israel lançaram a sugestiva proposta de uma organização mundial das religiões, semelhante a das Nações Unidas. “Todos os dias, apa-

recem problemas e deveriam ser discutidos e regulados a partir de uma base permanente cotidiana, sem cair no modelo burocrático da Onu.

Os promotores desta proposta chamaram esta organização de URI (*United Religions Initiative*), Organização das Religiões Unidas”<sup>3</sup>.

Esta organização foi fundada em Pittsburg (EUA) em 2000 e se espalha por todos os continentes. Pretende ser um fórum de encontro livre e de diálogo. Em agosto de 2002, realiza sua assembléia mundial no Rio de Janeiro.

Roma tem enviado representantes às assembléias, mas como suspeita que esta organização favoreça o sincretismo, não a tem apoiado.

## VII. A APD e o Macro-ecumenismo

Na América Latina, por ocasião do 5º centenário da conquista, representantes de grupos afro-americanos, comunidades indígenas e cristãos de diversas Igrejas se reuniram no 1º encontro continental da “Assembléia do Povo de Deus” (APD) propondo não só o diálogo inter-religioso, mas também inter-cultural e fundamentado no serviço aos oprimidos e injustiçados do povo. Ali nasceu a expressão “macro-ecumenismo” para designar um ecumenismo não só entre cristãos, mas também entre religiões e principalmente com grupos religiosos populares e autóctones.

Esta intuição já existia em outros lugares do mundo. “Hans Küng propôs um “ecumenismo abraâmico” entre judeus, cristãos e muçulmanos. John Hick e Paul Knitter aludem a um ecumenismo das religiões”<sup>4</sup>.

O Documento de Quito justifica a proposta do Macro-ecumenismo, afirmando que: 1 - Deus é sempre maior do que nossas Igrejas, religiões e projetos humanos. 2- Deus tem um sonho: “a unidade da família humana, dentro da lei suprema do amor”.

(...) «As cristãs e cristãos presentes neste encontro nos sentimos profundamente chamados à conversão. (...) Queremos, através do testemunho da unidade, colaborar com os processos através dos quais os nossos povos estão construindo a outra democracia, a das filhas e filhos de Deus, irmanados entre si»<sup>5</sup>.

A APD toma como opções fundamentais a “Espiritualidade Macro-ecumênica” e a resistência ao neo-liberalismo. Apesar de todas as dificuldades, a APD realizou três encontros continentais, mas tem dificuldade de se realizar no processo cotidiano nas comunidades e movimentos populares.

## VIII. Para concluir: as iniciativas de cada crente

Só uma vocação verdadeiramente espiritual pode vencer os desafios da atual realidade com relação ao diálogo entre as religiões. Aliás, em toda a história, sempre foram as pessoas místicas e espirituais que, no seu coração e no testemunho do seu amor, realizaram este encontro entre diversas tradições espirituais. Hoje, ainda, só o diálogo vivido no coração de cada crente fundamenta de forma profunda a aproximação entre as religiões.

Cada ano, durante o Carnaval, em Campina Grande, no nordeste brasileiro, uma equipe leiga, ligada à prefeitura da cidade, organiza e coordena o Encontro da Nova Consciência. Durante quatro dias, este encontro reúne mais de três mil pessoas dos mais diversos caminhos espirituais e tem como ponto alto uma oração inter-religiosa pela Paz, vivida ao ar livre e que reúne milhares de pessoas da cidade e de fora.

O que caracteriza este encontro é que as pessoas participam como pessoas que buscam e não como representantes oficiais de sua religião ou tradição. É um encontro de bases e não de cúpulas.

Da mesma maneira, a partir das bases, surgem diversas experiências de diálogo inter-religioso e inter-cultural.

Em um seminário sobre este tema, Enzo Bianchi, monge italiano, propôs algumas atitudes que são fundamentais como atitudes interiores que favorecem o diálogo:

- 1 – Aceitar que haja uma diferença entre nós e reconhecer o direito que o outro tem a ser outro (direito à alteridade)
- 2 – Iniciar o diálogo pela escuta interior e profunda do diferente.
- 3 – Deixar que seja o outro que se defina e aceitar esta auto-leitura. (Por exemplo, como eu não sou do candomblé, não devo defini-lo)
- 4 – Assumir a própria identidade e aprofundá-la para distinguir na minha fé o que é essencial do que não o é.
- 5 – Olhar o outro como igual. Não há diálogo sem igualdade entre os parceiros
- 6 – Excluir toda atitude de auto-suficiência e de arrogância teológica ou doutrinal ou ritual.
- 7 — Para dialogar com o outro, partir do mais próximo e sublinhar os pontos em comum.

## Perspectiva de um Fórum Mundial das Religiões?

Por ocasião do 2º Fórum Social Mundial em Porto Alegre (janeiro 2002), entre os 60.000 participantes de todos os continentes do mundo, encontravam-se ali pessoas de diferentes raças, culturas e caminhos espirituais. Na madrugada do domingo, 03 de fevereiro, mais de 3000 pessoas se reuniram ao ar livre e fizeram juntos uma oração pela Paz. Em conversas informais, muitos expressaram o desejo de se organizar, por ocasião do 3º Fórum Social Mundial, 2003, um Fórum Mundial de Religiões e Caminhos Espirituais. Outros reagiam dizendo que este encontro ecumênico entre religiões se faz quando as pessoas que buscam o Divino se inserem na causa dos indígenas, dos lavradores sem-terra, no trabalho de todos os que buscam um mundo novo e diferente. Entretanto, é importante que crentes de diferentes expressões de fé testemunhem a Deus como força de Paz, Justiça e Comunhão com o Universo.

Hans Küng resalta: “No habrá supervivencia sin una ética mundial. No habrá paz en el mundo sin paz y sin diálogo entre las religiones”<sup>6</sup>. O diálogo inter-cultural e inter-religioso é não apenas um dever frente a um mundo culturalmente muito diversificado, mas um imperativo da paz mundial. E sem dúvida, um enriquecimento para todas as religiões envolvidas. Abrindo-se umas às outras, as religiões se abrem ao mundo e descobrem que “Deus não é religioso”, não fica restrito aos meios e caminhos que se especializam em procurá-lo.

Enquanto as religiões aprofundam os caminhos para a intimidade divina, o próprio Deus se revela presente e atuante no mundo, como força de paz e amor solidário.

### Notas:

1 - Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Declaração sobre as religiões não cristãs*, n. 2, in Compêndio do Vaticano II, Petrópolis, Vozes, 1987, n. 1582- 1583, p. 620- 621.

2 - FEDERAÇÃO DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS DA ÁSIA, *Documento: O que o Espírito diz às Igrejas*, III, n. 1, maio 1999, in SEDOC junho-julho 2000, pp. 12 ss.

3 - Revista Rocca, 15 agosto/settembre, 1999, p. 07.

4 - Cf. PETER NEUNER, *Teologia Ecumenica*, Bologna, Ed. Queriniana, 2000, p. 16.

5- 1a. ASSEMBLÉIA DO POVO DE DEUS. *Manifesto*, p. 2-3.

6 - HANS KÜNG, *Projeto de Ética Mundial*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1991,p.7.